

BETAR & ARTES & LETRAS

Doc Lisboa

O documentário volta a ter o merecido destaque

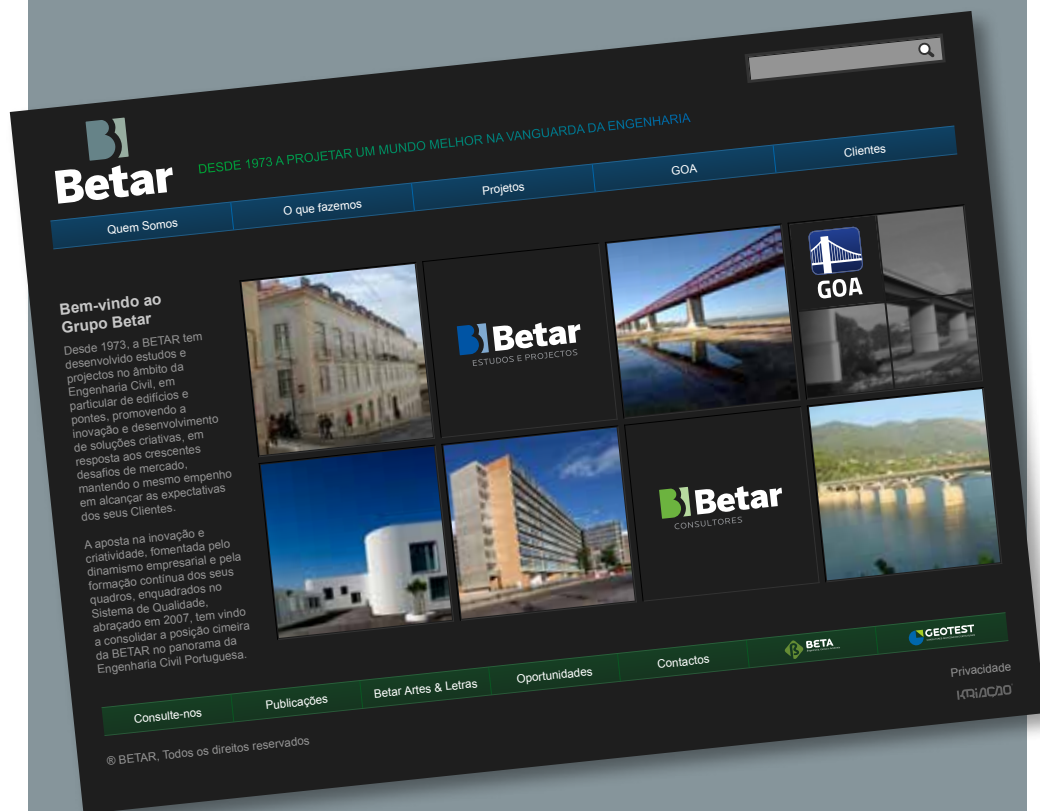
B
Betar

ENTREVISTA

**FILIPA CARDOSO
MENEZES
E CATARINA ASSIS
PACHECO**

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



O verão chegou ao fim mas as propostas culturais continuam bem vivas.

O documentário volta a ter o merecido destaque no Doc Lisboa, com excelentes películas nacionais e internacionais, e o Teatro da Cornucópia preparou um pequeno ciclo de cinema para celebrar o seu 40º aniversário.

No que diz respeito a música, este mês canta-se em bom português. Os grandes artistas brasileiros Seu Jorge e Milton Nascimento vêm a Portugal para dois concertos imperdíveis e os portugueses Amor Electro, João Pedro Pais e Sérgio Godinho têm também os seus momentos nos grandes palcos nacionais.

No teatro, o Maria Matos apresenta a peça “Macbain”, com textos do dramaturgo holandês Gerardjan Rijnders e o São Luiz evoca “Jangada de pedra”, baseado na obra de José Saramago.

Nas artes, o destaque vai para a exposição coletiva patente na Casa da Cerca, que se foi desenvolvendo ao longo do ano, estando agora completa, e para a mostra do artista japonês Sou Fugimoto, no CCB. Lá fora, variedade também não falta. Cubismo, abstracionismo e surrealismo são exemplos do que podemos encontrar em Paris, Londres e Madrid.

O que, felizmente, está longe do fim é a Trienal de Arquitectura que este mês, e até 15 de Dezembro, apresenta exposições experimentais, eventos, performances e debates por toda a cidade de Lisboa.

Por fim, a entrevista desta edição revela-nos o trabalho das arquitetas Filipa Cardoso Menezes e Catarina Assis Pacheco da F&C Arquitectura Paisagista. Aqui fica o nosso obrigado pela amável receção.

‘A leitura do terreno é o ponto de partida e é dessa interação com o lugar e com as suas especificidades que surge o nosso trabalho’

Filipa Cardoso de Menezes e Catarina Assis Pacheco, arquitetas paisagistas. Por Cátia Teixeira



Parque Urbano de Albarquel, 2009



Parque Urbano de Albarquel, 2009

Em que altura do vosso percurso é que começaram a ponderar a Arquitetura Paisagista?

CAP – Tivemos um percurso diferente. Eu sempre achei que iria para agronomia e quando comecei a ponderar mesmo o que queria fazer percebi que tinha de ser alguma coisa ligada à terra e ao desenho. A arquitetura paisagista juntava as duas coisas.

FCM – Comecei por estudar na Escola de Belas Artes e acabei por mudar, atraiu-me a arquitetura paisagista por juntar a arquitetura e o desenho à natureza e por lidar com sistemas vivos.

Como é que surgiu o vosso atelier?

CAP – Fizemos grande parte do curso juntas e quando terminámos, continuámos a colaborar de uma maneira informal, acabando por estabelecer uma parceria regular, a partir de concursos e de projetos que foram surgindo. Foi um processo natural, sem grande planeamento. Com o tempo, o atelier acabou

por gradualmente se consolidar.

Quais são as vossas principais referências?

FCM – Há um conjunto grande de referências que nos influenciam e que incluem não só obras projetadas de outros autores que nos inspiram mas igualmente paisagens, viagens, filmes, imagens e outras vivências que nos marcam e que vão sendo convocadas seletivamente, conforme as especificidades de cada projeto. Em Portugal, o Professor Ribeiro Telles é uma referência incontornável mas temos excelentes arquitetos paisagistas que têm desenvolvido nas últimas décadas uma obra importante, abrindo caminho tanto por cá como lá fora.

CAP – Pouco depois de começarmos a trabalhar, ganhámos o concurso para a Residência da Embaixada de Portugal em Brasília e fomos ao Brasil nessa altura, onde visitámos várias obras do arquiteto paisagista Roberto Burle Marx. Já conhecíamos o trabalho dele mas ver ao vivo e passear

por esses jardins foi uma experiência muito marcante. E não foram só esses lugares, foi o Brasil em si, a sua natureza forte e pujante, onde a vegetação cresce desmesuradamente a um tempo que não é o nosso.

Quando pensamos em paisagem, pensamos na natureza. O arquiteto paisagista é a prova de que a paisagem é um elemento que pode ser construído?

FCM – Transformamos a paisagem mas estamos sempre a intervir sobre alguma coisa que já existe. A leitura e a apreciação do terreno é o ponto de partida e é dessa interação com o lugar e com as suas especificidades que surge o nosso trabalho. É sempre uma transformação de um território, de um sistema vivo.

CAP – Como dizia Burle Marx, o trabalho do arquiteto paisagista consiste em “transformar a natureza e a sua topografia para dar plenamente lugar à existência humana”.



E como é assistir à evolução dos vossos projetos?

FCM – A transformação de que falamos não acaba com a conclusão da obra. Um jardim ou um parque demora anos, décadas a chegar ao seu estado pleno, num processo de evolução constante.

CAP – Às vezes há surpresas. Quando trabalhámos na Madeira, no projeto dos jardins da Estalagem Quinta da Casa Branca, apercebemo-nos claramente da diferença que há no crescimento da vegetação em relação ao continente. Voltámos lá pouco tempo depois da conclusão da obra e o jardim quase parecia sempre ter existido: a vegetação estava gigante!

A Arquitetura Paisagista é uma área em expansão? O trabalho dos portugueses neste campo tem vindo a ser reconhecido?

CAP – Estaria em expansão se não fosse este clima de recessão, naturalmente. A qualidade do espaço público já é uma preocupação das pessoas, começa a ser uma coisa que elas valorizam.

FCM – Temos ainda um longo caminho a percorrer, mas penso que temos avançado. Aliás a Arquitetura Paisagista portuguesa está num excelente nível, em termos de qualidade de trabalho, assim como a Arquitetura. Não somos muitos arquitetos paisagistas em Portugal, mas acho que a qualidade está perfeitamente enquadrada nos parâmetros de outros países europeus.

Recordam-se de algum projeto onde, por algum tipo de exigência do cliente,

tenha sido difícil equilibrar a estética e a funcionalidade?

CAP – Já nos pediram coisas difíceis de executar mas tentamos sempre que as expectativas do cliente sejam refletidas em coisas razoáveis e equilibradas. O nosso trabalho passa por guiar as pessoas para aquilo que é mais acertado para um determinado espaço e, normalmente, conseguimos chegar a um consenso. Quando estamos a desenhar jardins particulares temos em conta aquilo que a pessoa imagina, é preciso gerir as expectativas. Em relação ao que não nos parece exequível, tentamos explicar o porquê e apresentar alternativas.

FCM – E isso também acontece em obras públicas. Houve um concurso que ganhámos claramente, porque não fizemos tudo o que o dono de obra pretendia. Demonstrámos que uma parte da obra que era requerida não fazia sentido no programa. Fizemos uma abordagem crítica ao programa e foi por isso que vencemos o concurso.

Em que circunstâncias é que se costuma cruzar com a BETAR?

CAP – Colaboramos desde os nossos primeiros projetos. Sempre que podemos, gostamos de trabalhar com a BETAR porque funcionamos bem em parceria e é sempre valorizador para o projeto. Muitas equipas já estão mais ou menos formadas, se as parcerias funcionam não há motivo para mudar, por isso o normal é cruzarmo-nos muitas vezes com a BETAR.

A Casa da Cerca completa este mês a sua “ocupação”. Já no CCB, há também uma mostra imponente do artista japonês Sou Fujimoto

CASA DA CERCA

Casa Ocupada

Até 19 de Janeiro

“Casa Ocupada” é a exposição coletiva que dá também nome ao tema do programa comemorativo do 20.º aniversário da Casa da Cerca, e que se desenvolve ao longo do ano, em vários locais do Centro de Arte Contemporânea. Desde Abril que vários espaços estão gradualmente a ser “ocupados” por obras de diversos artistas: João Pedro Vale, Isabel Ribeiro, José Bechara, Sofia Leitão, Ana Pérez-Quiroga, Ana Vieira, Luísa Cunha, Manuel Caeiro e Rodrigo Oliveira. A “ocupação” culmina este mês, altura em que a exposição se estende também aos mais convencionais espaços expositivos interiores, a Galeria do Pátio e a Galeria Principal, ficando completa e patente até 19 de Janeiro. A primeira “ocupação” foi no Salão Nobre, com a instalação da obra “Feijoeiro”, de João Pedro Vale, inspirada no conto popular “João e o Pé de Feijão”.



CCB

Sou Fujimoto

Até 17 de Novembro

Esta exposição comporta cerca de 120 maquetas, projetos, objetos, textos, fotografias e filmes de trabalhos de Fujimoto. O artista acredita que a arquitetura do futuro é como uma floresta. Na floresta, das folhas, insetos e sementes até à grande escalada dos troncos das árvores, todo um conjunto de coisas tão diversas coexiste e está em relação. Se a arquitetura for criada como uma floresta, vai ser um lugar de complexidade, rico em diversidade, muito além daquilo que existe hoje. Os projetos expostos nesta mostra são tentativas de criar noções novas de natureza e ambientes feitos pelo homem. Alguns deles foram construídos, outros são apenas conceitos, e outros ainda estão em desenvolvimento. A arquitetura como floresta aqui apresentada é, na opinião do artista, o futuro da arquitetura.

Há muito para ver no campo da sétima arte. O documentário volta a ter o merecido destaque no Doc Lisboa e a Cornucópia escolheu o cinema para celebrar o seu 40º aniversário



Doclisboa 2013

De 24 de Outubro a 3 de Novembro. Culturgest, Cinema São Jorge, Cinema City Alvalade, Cinemateca Portuguesa, Fórum Municipal Romeu Correia e Carpe Diem – Arte e Pesquisa

O Doclisboa assume-se como uma plataforma que permite repensar o documentário nas suas implicações e potencialidades artísticas, políticas e sociais, e representa um lugar de convívio, debate e pensamento vivo, um espaço de proximidade e partilha entre o cinema e o público. Na 11ª edição, as competições Internacional, Portuguesa e Investigações apresentam uma seleção dos filmes mais relevantes do último ano. A secção Riscos debruça um olhar sobre o cruzamento entre o documentário e a ficção, e Heart Beat explora a relação entre o cinema, a música e as artes performativas. Verdes Anos foca-se em autores ainda em formação num apelo à reflexão sobre o ensino do documentário e Cinema de Urgência procura ver o cinema como ação direta em contraposição aos media tradicionais. Este ano é inaugurada ainda a secção Doc Alliance, composta por filmes seleccionados pelos mais relevantes festivais

de cinema documental da Europa, o que confirma a importância estratégica do Doc Lisboa no panorama europeu dos festivais de cinema documental de excelência.

Alain Cavalier é o realizador em foco, com uma retrospectiva integral inteiramente dedicada ao seu trabalho. Moving Stills – Photography, Photographers and Documentary Film apresenta um conjunto de obras que exploram a ligação entre cinema e fotografia integrando obras de realizadores como Ingmar Bergman, Robert Cahen, Philip Hoffman, Barbara Meter, Ken Jacobs, Danny Lion, Robert Frank, entre outros. Esta edição do festival assinala também os 40 anos do golpe de estado que derrubou o governo da Unidade Popular de Salvador Allende, no Chile, com o documentário: “1973 – 2013. O Golpe militar no Chile: 40 anos depois”. Um dos filmes programados neste foco é “La Spirale” (1976), realizado por Jacqueline Meppiel, Armand Mattelart, Valérie Mayoux, com a colaboração de Chris Marker.



Teatro da Cornucópia: 40 Anos

Dias 5 e 12 de Outubro

O Teatro da Cornucópia está a celebrar o 40º aniversário com um ciclo de cinema sobre a sua história.

Dia 5 de Outubro

16h – **E não se pode Exterminá-lo?** de Solveig Nordlund. Trata-se da filmagem de um espetáculo de cabaret de Karl Valentin, com encenação de Jorge Silva Melo.

18h30 – **A Louca Jornada** José Álvaro, entusiasta do trabalho da Companhia, filmou toda a preparação de O Casamento de Fígaro, de Beaumarchais, em 1999, e é a memória desse trabalho que está no filme.

21h30 – **Façade e O Urso** de William Walton. É o registo do realizador Oliveira e Costa para a RTP, co-produtora de um espetáculo musical com a colaboração da Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos.

Dia 12 de Outubro

16h – Encontro com **Christine Laurent**. Com a projeção de algumas imagens dos 7 espetáculos dirigidos por Christine Laurent na Companhia, é prestada uma homenagem à realizadora que, a partir de 1994, se tornou encenadora.

16h30h – **Dissecação de um Espectáculo** de Luis Santos. Luís Santos fez a sua tese de mestrado sobre a sua própria atividade profissional na Cornucópia como assistente de cenografia. Com uma pequena câmara de vídeo regista as diferentes fases de elaboração do espetáculo Anatomia Tito de Heiner Muller.

17h30 – **A Ilha** de Ricardo Aibéo. É um filme, de um dos atores que há muitos anos trabalha na Cornucópia, que foi rodado em 2009, durante a preparação de A Tempestade de Shakespeare.

18h30 – **Miserere** de Ricardo Aibéo. Por sua iniciativa, Ricardo Aibéo filmou este espetáculo apresentado no Teatro Nacional D. Maria II que o co-produziu, que veio a revelar-se como um dos mais importantes e polémicos. As imagens recordam o trabalho único de um grande ator: José Airosa.

21h – **Fim de Citação** de Joaquim Pinto e Nuno Leonel. O espetáculo com o mesmo título é outro dos mais importantes da companhia. Consiste num jogo cénico construído sobre citações de algumas das peças sobre o próprio teatro ou a relação da arte com a vida que ao longo dos anos levámos à cena.

Na música, Outubro parece um mês dedicado à Lusofonia. Os concertos em destaque nesta edição são imperdíveis e soam em bom português. Os estilos são variados e dão para diferentes gostos



Seu Jorge

Dia 13 no Meo Arena

CONCERTO

Músico dos pés à cabeça, cantor, compositor, instrumentista, produtor e ator, Seu Jorge fundamenta o seu trabalho no samba. Com uma carreira internacional brilhante, tem em Portugal uma legião de fãs que fazem dele um dos artistas brasileiros mais ouvidos por cá. Este ano, edita o trabalho “Músicas para Churrasco nº2”, com temas inéditos que farão parte do concerto no Meo Arena.



Milton Nascimento

Dia 26 no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Representante maior da cultura brasileira, Milton Nascimento festeja 50 anos de carreira em Portugal. Desde o Festival Internacional da Canção de 1967 que o artista surge no panorama internacional como um dos mais consagrados músicos brasileiros de todos os tempos. Acumula na bagagem vários prémios Grammy, dezenas de homenagens, tournés em todo o mundo e mais de 15 milhões de discos vendidos.



Amor Electro e João Pedro Pais

Dias 29 e 30 no CCB

CONCERTO

Os Amor Electro escolheram “Sete Mares” (Sétima Legião), “Bem-vindo ao passado” (GNR), “Capitão Romance” (Ornatos Violeta) e “Foram Cardos, Foram Prosas” (Miguel Esteves Cardoso e Ricardo Camacho) ou “Estrela da Tarde” (Ary dos Santos e Fernando Tordo), e fizeram temas originais. João Pedro Pais apresenta versões renovadas de “Ninguém”, “Mentira”, “Nada de Nada”, “Um Volto Já”, “Havemos de Lá Chegar” ou “Isto do Amor”.



Sérgio Godinho

Dia 25 no Centro Cultural Olga Cadaval

CONCERTO

Depois do êxito das apresentações no CCB e na Casa da Música, ambos com lotação esgotada, Sérgio Godinho desafia-se a levar aos palcos nacionais “Caríssimas Canções”, o espetáculo baseado no seu livro de crónicas. Uma evocação dinâmica de alguns dos temas, intérpretes, autores e compositores que marcaram o seu percurso artístico. Uma obra surpreendente que nos vai emocionar.



Concertos em outubro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

3 e 4 às 21 horas (Mosteiro dos Jerónimos)

Orquestra Gulbekian, Coro Gulbenkian, Sophie Bevan (sop.), Jeremy Ovenden (tenor), Neal Davies (baixo) e o maestro Paul McCreesh, interpretam a oratória “A Criação” de Joseph Haydn. É uma das obras mais importante do período clássico e de toda a história da música.

31 às 21 horas (Igreja de São Roque)

Coro e Orquestra Gulbenkian, maestro Tom Koopman e solistas portugueses, mas de muito boa qualidade, Joana Seara (s.), Fernando Guimarães (t.) e Hugo Oliveira (bar.). Programa Bach: Abertura da suite nº 3; Lobet den Herrn Alle Heiden; cantata BWV127 e cantata BWV140. Ton Koopman volta, mais uma vez, a Portugal (dezenas de anos passados desde os célebres concertos da Aula Magna), para nos transmitir o seu amado Bach.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

9, 10, 13 às 21 horas e 14 às 16 horas

“Il Cappello di Paglia di Firenze”, ópera cómica de Nino Rota (1911-1979) (justamente célebre pelas bandas sonoras cinematográficas (O Padriho, os filmes do Fellini, etc), naturalmente o seu ganha pão, mas com obra válida na ópera e na música clássica.

A ópera é a adaptação de uma peça de teatro muito conhecida de Eugène Labiche (1815-1888). Elenco Português com os nossos melhores cantores (incluindo José Fardilha, habitualmente em Itália). Pode ser uma agradável surpresa.

12 e 19 às 18,00 horas no Salão Nobre

Orquestra Sinfónica Portuguesa com maestro e solistas nacionais.

Tipo de programa: um concerto para instrumentos de sopro, uma Ária de W.A. Mozart;

uma Ária de um compositor português e uma peça para orquestra de características Neo-Clássicas.



CULTURGEST

14 às 19 horas (Culturgest) (Entrada Livre, atenção que os bilhetes esgotam!)

Coro Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa o pianista Pedro Burmester e o maestro Cesário Costa. No programa: Handel, a festiva “Música para os Reais Fogos de Artificio”; J.S. Bach, o concerto nº 1 em ré maior BWV1052; e a primeira audição mundial do “Magnificat” de António Pinho Vargas. Depois de “Judás” e do “Requiem”, Pinho Vargas assina mais uma obra coral sinfónica que esperamos do mesmo alto nível das duas anteriores.

O compositor está a atingir o seu “zenit”?

CENTRO CULTURAL DE BELEM

27 às 11 horas (Sala Luís de Freitas Branco)

A pianista Sofia Lourenço, durante uma hora e em concerto matinal, interpreta os portugueses Carlos Seixas (10 sonatas), Domingos Bomtempo (6 Estudos Op. 19) e Viana da Mota (a Balada Op. 16).

27 às 17 horas (Grande Auditório)

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, a cantora Sara Braga Simões e o maestro Pedro Amaral, homenageiam o compositor inglês Benjamin Britten (1913-1976) em ano de centenário. Descobrirá, quem assistir, que Britten é muito mais do que um celebrado compositor de óperas (nomeando as mais célebres: “Peter Grimes”, “Billy Bud”, “Sonho de uma Noite de Verão” e “Morte em Veneza”).

LIVROS

Este mês, os autores nacionais são o destaque. José Luís Peixoto descreve-nos a fascinante estadia na Coreia do Norte e José Rodrigues dos Santos fala-nos do Homem de Constantinopla



José Luís Peixoto

Dentro do segredo, uma viagem na Coreia do Norte

Esta obra situa-se dentro da ditadura mais repressiva do mundo, dentro de um país coberto por absoluto isolamento, “Dentro do Segredo”. Em Abril de 2012, José Luís Peixoto foi um espectador privilegiado nas exuberantes comemorações do centenário do nascimento de Kim Il-sung, em Pyongyang, na Coreia do Norte. Também nessa ocasião, participou na viagem mais extensa e longa que o governo norte-coreano autorizou nos últimos anos, tendo passado por todos os pontos simbólicos do país e do regime, mas também por algumas cidades e lugares que não recebiam visitantes estrangeiros há mais de 60 anos. A surpreendente estreia de José Luís Peixoto na literatura de viagens leva-nos através de um olhar inédito e fascinante ao quotidiano da sociedade mais fechada do mundo.



José Rodrigues dos Santos

O Homem de Constantinopla

O Império Otomano desmorona-se e a minoria arménia é perseguida. Apanhada na voragem dos acontecimentos, a família Sarkisian refugia-se em Constantinopla. Apesar da tragédia que o rodeia, o pequeno Kaloust deixa-se encantar pela grande capital imperial e é ao atravessar o Bósforo que pela primeira vez formula a pergunta que havia de o perseguir a vida inteira: “O que é a beleza?” Cruzou-se com a

mesma interrogação no rosto níveo da tímida Nunuphar, nos traços coloridos e vigorosos das telas de Rembrandt e na arquitetura complexa do traiçoeiro mundo dos negócios, arrastando-o para uma busca que fez dele o maior colecionador de arte do seu tempo. E Kaloust foi mais longe do que isso. Tornou-se o homem mais rico do planeta. Inspirado em factos reais, “O Homem de Constantinopla” é o 11º romance de José Rodrigues dos Santos.

TEATRO

Aos palcos dos teatros Maria Matos e São Luiz sobem duas peças de peso. Na sua base textos do dramaturgo holandês Gerardjan Rijnders e do grande José Saramago. A não perder



Macbain

O holandês Gerardjan Rijnders é um dos dramaturgos mais fascinantes da atualidade. Após um encontro com o casal de atores Gonçalo Waddington e Carla Maciel, decidiu escrever uma peça de teatro para eles sobre dois outros casais: o casal Macbeth, a partir de Shakespeare, e Kurt Cobain & Courtney Love, a partir da biografia “Heavier than Heaven”, de Charles R. Cross.

O autor sentiu-se impressionado pelo paralelismo entre a vida destes casais, um ficcional e o outro real; a loucura, a feitiçaria, as drogas e alucinações, a paranóia, a obsessão com bebés (e placentas), a dor e o medo constante e uma relação de amor-ódio intensa na qual o homem age mais como uma criança e a mulher mais como um homem. Uma peça sobre relações humanas que não deixará ninguém indiferente.

Teatro Maria Matos

De 16 a 20 de Outubro

Criação e interpretação Carla Maciel e Gonçalo Waddington



Jangada de pedra

Dando-nos o prazer de um teatro visionário, espécie de literatura em viagem pelas possibilidades plásticas e cenográficas propostas pelas suas sempre inesperadas máquinas de cena, “O Bando” retoma Saramago e a poderosa metáfora de uma península que se separa do continente e empreende uma viagem em busca de outro sentido. “Todos nós jangadas partindo ainda sem saber para onde, largando amarras dos vícios, das dores, dos sistemas antigos e caducos. Procurando a diferença, a identidade, a soberania. Partindo para o mar e vendo ao longe esse rochedo fragmentado, essa Europa dividida entre tantos centros e outras tantas periferias. Caminhando, ouvindo cânticos ancestrais de uma ibéria feita de mil povos cruzados. Todos nós voltados de costas uns para os outros, perguntando às populações, aos amigos, aos viajantes: para onde vamos?”

São Luiz

De 11 a 26 de Outubro

Encenação e cenografia João Brites e Rui Francisco
Interpretação Anna Kurikka, Bruno Huca, Guilherme Noronha, Miguel Branca, Nuno Nunes e Sara de Castro

LÁFORA

Paris, Londres e Madrid são sempre excelentes destinos culturais. E variedade não falta por lá. Cubismo, abstracionismo e surrealismo são exemplos do que pode encontrar lá fora



Tate Modern, Londres

Saloua Raouda Choucair

Até 20 de Outubro

Esta exposição sobre a libanesa Saloua Raouda Choucair celebra a arte abstrata do Médio Oriente demonstrando a posição da artista como figura influente na arte do século XX. Através de pinturas, desenhos, têxteis, jóias e esculturas, muitas nunca antes expostas fora do Líbano, os visitantes podem descobrir como Choucair combina elementos de abstração ocidental com a estética islâmica. Uma voz feminina rara na cena artística de Beirute.

Thyssen-Bornemisza, Madrid

O Surrealismo e o sonho

De 8 de Outubro a 12 de Janeiro

O Museu Thyssen-Bornemisza ostenta, até Janeiro, uma exposição com 163 obras dos grandes mestres surrealistas André Breton, Salvador Dalí, Paul Delvaux, Yves Tanguy, Joan Miró, René Magritte, Max Ernst, André Masson, Jean Arp e Man Ray. A mostra propõe uma apresentação temática sobre o sonho no universo dos artistas surrealistas.



Grand Palais, Paris

Georges Braque

Até 6 de Janeiro

O Grand Palais apresenta a primeira retrospectiva dedicada a Georges Braque (1882-1963), em quarenta anos. Criador do cubismo e inventor de colagens, Braque foi uma figura pioneira do início do século XX, antes de reorientar o seu trabalho sobre a exploração sistemática da natureza-morta e da paisagem. A exposição oferece um novo olhar sobre o trabalho do artista e uma perspetiva muito completa da sua obra.

PORTO

O Outono traz novos programas para... o Porto, claro! Saiba quais são as propostas de Maria João Duarte e siga as que mais o agradarem

Exposições

SERRALVES: “BES Revelação 2013” (11); “Mel Bochner - Se a Côr muda” (até 27); “Primeira Avenida” (até 1 dez). **EDIFÍCIO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE DO PORTO**: Coleção Egípcia da Universidade do Porto + Coleção Vasos Gregos + Explorações: o Egito na arte de Susan Osgood (até 25). **SHOPPING CIDADE DO PORTO**: “Bonfim Barreiros: Fotógrafo de Arte”, fotografias do Porto em meados do séc: XX(até 30).

Teatro

TEATRO DO CAMPO ALEGRE: “Pedro Tochas - Um tempo” (31), “Aberdeen, Um Possível Kurt Cobain” Inspirado na vida do líder do grupo Nirvana (17 a 1 dez). **TEATRO CARLOS ALBERTO**: “Violência, Fetiche do Homem Bom” (18 a 27). **TEATRO HELENA SÁ E COSTA**: “A 20 de novembro”, 2006, data em que Sebastian Bosse atirou sobre alunos e professores do seu antigo liceu antes de se suicidar. A partir do seu diário íntimo publicado na Net, Lars Norén escreve um texto. (25 e 26). **FESTIVAL INTERNACIONAL DE MARIONETAS DO PORTO 2013** (11 a 20 em vários locais): **MOSTEIRO S.BENTO DA VITÓRIA** concerto de Ellen Fullman e Konrad Sprenger (11); **TEATRO CAMPO ALEGRE**: “As Viagens de Gulliver” a partir do livro de Jonathan Swift (12 e 13) e “Uma Aventura no Espaço” do “Teatro de Ferro” (19 e 20).

À descoberta do Porto

Não deixe de visitar a Casa do Vinho Verde, ou Palacete Silva Monteiro, sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes desde a década de 40.

Música

CASA DA MÚSICA: “Emilie”, Ópera em 9 Cenas, Émilie du Châtelet olha a sua vida e escreve num livro a forma como gostaria de ser recordada (9); “Collegium Novum Zürich”, Remix Ensemble com Pierre Boulez, Scartazzini e Emmanuel Nunes (8) Gregory Porter, jazz e soul (11); “European Jazz Orchestra” (12); “Outono em Jazz” (11 a 13), “Jeff Parker (Membro Dos Tortoise, Banda Pós-Rock Sedeada Em Chicago) & Rob Mazurek, R Odrigo Amado Hurricane, Elephant9 + Reine Fiske(12); Houben’s Factory Quartet (Gregory Houben Trompetista) + Nelson Cascais Decateto + Django Bates Trio, jazz (13); “Rita Ruivo”, fado (15), “Concertos Italianos” (19), “Banda Sinfónica Portuguesa” (20), “Prémio Jovens Músicos, Antena 2” (22); “Cantos Sagrados”, Coro Casa Da Música com 3t laudas italianas da Baixa Idade Média (27); “Missas Cantadas”, Coro CM (1 nov). **FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA**: “Concerto de piano” por Boris Kraljevic (10). **HARD CLUB**: “God is an Astronaut” (10); “Indoors Fest: Singapore Sling”, banda islandesa de rock negro psicadélico e melódico (12). **COLISEU**: “Stacey Kent”, cantora Norte-Americana com “Changing Lights” (9); “Editors”, banda britânica; “Pablo Alborán” (25); “Milton Nascimento” (27).

E ainda

PARQUE DA CIDADE: “Corrida do Parque à noite”, 8 km (5 às 21h). **MARGINAL** (início junto do Edifício Transparente) “Anda Porto - Caminhadas e Corridas orientadas por técnicos especializados” (até 31, 3.ª e 5.ª às 19h e sáb. às 11h) **“CEMITÉRIO DE AGRAMONTE”** visita organizada pela Divisão Municipal de Parques Urbanos (2 nov)



DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM AS ARQ. CATARINA ASSIS PACHECO E
FILIPA CARDOSO DE MENEZES
PARQUE URBANO DE ALBARQUEL, 2009**